



MARCADORES DE COESÃO DE GRUPO NA GINÁSTICA ARTÍSTICA: EXISTEM DIFERENÇAS ENTRE RAPAZES E MOÇAS?

Group cohesion markers in artistic gymnastics: are there differences between boys and girls?

Ivan Wallan Tertuliano¹, José Maria Montie²,
Vivian de Oliveira³, Douglas Versuti Arantes Alvarenga⁴, Bruna Alves Santana⁵

RESUMO

O presente estudo teve o objetivo de investigar a influência do sexo nos níveis de coesão de grupo de atletas de ginástica artística. A amostra do estudo foi composta por conveniência, com a participação de 19 atletas de ginástica artística (esporte individual), com média de idade de 12,74 ± 1,33 anos, todos de uma mesma equipe, divididos em dois grupos: masculino (rapazes) e feminino (moças). Os ginastas responderam ao Questionário de Ambiente de Grupo – QEG. Os resultados de comparação entre rapazes e moças demonstraram que os rapazes apresentaram maiores escores para duas dimensões do instrumento: integração no grupo-tarefa (GI-T) e atração individual para o grupo-social (AI-S), quando comparados às moças. Nas análises intragrupo, os rapazes apresentaram elevados escores para três dimensões (GI-T, AI-T - atração individual no grupo-tarefa - e AI-S), ou seja, as dimensões relacionadas à tarefa tiveram maior influência na coesão. Em relação as moças, não foram verificadas diferenças significantes entre as dimensões, com todas dimensões influenciando os níveis de coesão. Pode-se concluir que os rapazes ginastas apresentaram maior coesão em duas dimensões do QEG (GI-T e AI-S), quando comparados às moças ginastas, mas que ambos os grupos apresentaram bons índices de coesão de grupo, pois os escores de todas dimensões foram superiores a cinco.

Palavras-chave: Coesão de grupo. Ginástica artística. Psicologia do esporte. Ginastas.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the influence of sex on the levels of group cohesion of artistic gymnastics athletes. The study sample consisted of convenience, with the participation of 19 artistic gymnastics athletes (individual sport), with a mean age of 12,74 ± 1,33 years, all from the same team, divided into two groups: male (boys) and female (girls). The gymnasts answered the Group Environment Questionnaire - QEG. The results of comparisons between boys and girls showed that boys had higher scores for two dimensions of the instrument: integration in the task-group (IG-T) and individual attraction to the social group (IA-S), when compared to girls. In the intragroup analyses, boys had high scores for three dimensions (IG-T, IA-T - individual attraction in the task group - and IA-S), that is, the dimensions related to the task had a greater influence on cohesion. Regarding girls, there were no significant differences between dimensions, with all dimensions influencing the levels of cohesion. It can be concluded that boys gymnastics had greater cohesion in two dimensions of the QEG (IG-T and IA-S), when compared to girls gymnastics, but that both groups had good group cohesion indices, as the scores of all dimensions were greater than five.

Keywords: Group cohesion. Artistic gymnastics. Sport psychology. Gymnasts.

¹ Doutor, Universidade Anhembi Morumbi, Escola de Ciências da Saúde, São Paulo, SP. Brasil. E-mail: ivanwallan@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6413-6888>.

² Doutor, Universidade São Judas Tadeu, Instituto de Psicologia, São Paulo, SP. Brasil. E-mail: montieljm@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0182-4581>.

³ Mestra, Centro Universitário IESB, Brasília, DF. Brasil. E-mail: vivian_oliveira58@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9558-3488>.

⁴ Graduado, Centro Universitário Adventista de São Paulo, SP. Brasil. E-mail: doalvarenga10@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6325-6060>.

⁵ Graduada, Centro Universitário Adventista de São Paulo, SP. Brasil. E-mail: brunnasantna@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9352-1977>.





INTRODUÇÃO

O esporte tem sido objeto de diversas classificações, tendo como meta a identificação de “elementos comuns” entre os esportes (PARLEBAS, 2001). Essas classificações utilizam inúmeros critérios, sendo o mais utilizado a relação com companheiros de equipe (GONZALEZ, 2004). Com base nesse critério, as modalidades esportivas são classificadas em esportes individuais ou coletivos. Nos esportes individuais o atleta, ou praticante, participa sozinho das ações esportivas durante todo o tempo da prática, dependendo somente dele para alcançar o sentido e significado da modalidade. Em contrapartida, nos esportes coletivos os atletas, ou praticantes, não participam sozinhos das ações esportivas, ou seja, depende de um ou mais companheiros de equipe para atenderem o sentido e significado da modalidade (GONZALEZ, 2004).

Nas últimas décadas o esporte tem sido investigado em diferentes perspectivas, como a fisiológica, a social e a psicológica (TENENBAUM; EKLUND, 2007; TERTULIANO; MACHADO, 2019; VIEIRA; NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2013; WEINBERG; GOULD, 2017). No presente estudo a perspectiva psicológica foi assumida. São inúmeros fatores psicológicos investigados, como motivação, liderança, estresse, ansiedade, autoconfiança, burnout, estado de humor e coesão de grupo, por exemplo (TERTULIANO; MACHADO, 2019; VIEIRA; NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2013). Neste estudo optou-se por investigar a coesão de grupo.

Nos anos de 1950 a coesão de grupo era compreendida como a força que mantinha os membros unidos no grupo (FESTINGER; SCHACTER; BACK, 1950). Todavia, nos anos de 1990 outra vertente foi adotada, tendo como base a perspectiva multidimensional sugerida por Carron, Brawley e Widmeyer (1998), na qual os autores citam a coesão de grupo como um meio dinâmico, no qual existe uma tendência do grupo em juntar-se e permanecer unido na busca por objetivos instrumentais, e/ou para satisfazer as necessidades pessoais dos membros. Sendo assim, a coesão de grupo pode ser dividida em coesão por tarefa e coesão social.

A coesão por tarefa ocorre quando o grupo permanece coeso em prol de uma tarefa, e ordenado para desempenhá-la, ou seja, está relacionada a um conjunto de sentimentos individuais, dos membros da equipe, sobre seu envolvimento pessoal com as tarefas, as metas e os objetivos do grupo (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2012). No entanto, a coesão social ocorre quando o grupo está coeso por afinidades sociais, como vínculos de amizade, ou seja, está relacionada a um conjunto de sentimentos e percepções individuais, dos membros da equipe, quanto a semelhança e proximidade com outros membros do grupo (CARRON *et al.*, 2002).

Somado ao apresentado, alguns pesquisadores tem apontado que a coesão de grupo é um fator que pode influenciar os resultados das equipes no contexto esportivo, mas que os níveis de coesão podem ser influenciados por outros fatores como liderança (CARON *et al.*, 2016; CARRON; HAUSENBLAS; EYS, 2005; CRONIN *et al.*, 2015; NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2012), idade dos atletas (BENSON *et al.*, 2016; GOMES; MACHADO, 2010; MORÃO *et al.*, 2019; TERTULIANO *et al.*, 2019), experiência dos atletas (ASAMOAH; GROBBELAAR,



2017; MORÃO *et al.*, 2019; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016a, 2016b; TERTULIANO *et al.*, 2019), níveis de ansiedade (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016a; PAES *et al.*, 2016), motivação (FIORESE *et al.*, 2017) e sexo dos atletas (CRONIN *et al.*, 2015; GOMES; PEREIRA; PINHEIRO, 2008; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016a; RIBEIRO, 2016; SILVA, 2015; SILVEIRA; OLIVEIRA, 2017).

Assumindo a relação entre o sexo dos atletas e os níveis de coesão, os resultados de Cronin *et al.* (2015) sugerem que as mulheres consideram o grupo menos coeso pela tarefa quando apresentam baixo desempenho esportivo, ou seja, o desempenho da equipe pode influenciar a coesão de grupo, considerando as mulheres. Os resultados do estudo de Cronin *et al.* (2015) corroboram os achados de outros estudos (CARRON *et al.*, 2002; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016a), nos quais a coesão demonstrou-se correlacionada com o desempenho da equipe para as mulheres, ou seja, se a equipe apresenta um bom desempenho, as equipes femininas tendem a apresentar elevados níveis de coesão de grupo, o que não foi encontrado com os atletas do sexo masculino, pois para os homens os resultados da equipe não influenciaram os níveis de coesão.

Assumindo apenas os níveis de coesão, sem fazer paralelos com o desempenho esportivo, Silveira e Oliveira (2017) investigaram os níveis de coesão de grupo de atletas de Karatê. Os resultados demonstraram que as mulheres apresentaram escores superiores para coesão social, o que foi corroborado por outros estudos (GOMES; PEREIRA; PINHEIRO, 2008; SILVA, 2015). Por fim, o estudo de Ribeiro (2016) apontou que as mulheres apresentaram elevados níveis de coesão de grupo (coesão por tarefa e social), quando comparadas com os homens. Diante desses achados, parece que o sexo pode influenciar os níveis de coesão de grupo, mas essa afirmação deve ser assumida com parcimônia, pois a maioria dos estudos foram conduzidos com esportes coletivos, tendo apenas o estudo de Silveira e Oliveira (2017) investigado atletas de esportes individuais.

Parece contraditório falar de coesão de grupo em esportes individuais, mas a literatura cita que atletas de esportes individuais não treinam sozinhos ou convivem sozinhos no clube, eles fazem parte de uma equipe, mesmo que devam competir de forma individual, os treinos ocorrem com outros atletas e com a comissão técnica (SILVEIRA; OLIVEIRA, 2017), assim como os seus resultados individuais, em algumas modalidades esportivas, pontuarão para o resultado da equipe, justificando as investigações sobre os níveis de coesão de grupo de atletas de esportes individuais.

Além disso, o fato de apenas um estudo ter avaliado a relação entre sexo e nível de coesão de grupo de atletas de esportes individuais é relevante para que mais investigações sejam conduzidas, pois existe uma lacuna nesta área. Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi investigar a influência do sexo nos níveis de coesão de grupo de atletas de ginástica artística, modalidade esportiva classificada como esporte individual.



2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Participantes

A amostra do estudo foi selecionada por conveniência e, assim, optou-se por investigar atletas de ginástica artística, esporte classificado como individual (GONZALEZ, 2004). Participaram do estudo 19 ginastas, de ambos os sexos (10 homens e 09 mulheres), voluntários, com média de idade de $12,74 \pm 1,33$ anos. Os participantes são atletas de uma mesma equipe, por isso, podemos considerar o presente estudo como um estudo de caso. Os ginastas foram divididos em 2 grupos amostrais, de acordo com o objetivo do estudo: masculino (10 rapazes com média de idade de $12,38 \pm 1,33$ anos) e feminino (09 moças com média de idade de $13,67 \pm 1,15$ anos).

2.2 Instrumento

Utilizou-se o Questionário de Ambiente de Grupo – QEG, de Carron, Widmeyer e Brawley (1985), adaptado e validado para a Brasil por Nascimento Junior *et al.* (2012). Este instrumento é composto por 16 itens, que avaliam a coesão de grupo no contexto esportivo por meio de quatro dimensões:

1 – Integração no Grupo-Tarefa (GI-T), que representa como o atleta considera a harmonia da equipe em tarefas a serem realizadas (itens 8, 10, 12, 14 e 16);

2 – Integração no Grupo-Social (GI-S), que representa como o atleta considera a união da equipe como unidade social (itens 9, 11, 13 e 15);

3 – Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T), que representa como o atleta considera seu envolvimento com os objetivos estabelecidos (itens 3, 4 e 6);

4 – Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S) que representa como o atleta considera a sua integração dentro do grupo social (itens 1, 2, 5 e 7).

As questões são apresentadas de maneira que o respondente escolha uma opção de resposta, de 1 (um) a 9 (nove), para cada questão, sendo que 1 representa “discordo totalmente” e 9 representa “concordo totalmente”. As respostas mais próximas de “concordo totalmente” sugerem alto nível de coesão, e as respostas mais próximas de “discordo totalmente” sugerem nível menor de coesão. Como forma de calcular os escores de coesão, deve-se somar as respostas dos itens de cada dimensão e dividir o valor obtido pelo número de itens, o que gera um valor médio que varia entre 1 e 9, para cada dimensão.

2.3 Procedimentos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital e Centro de Reabilitação da AACD, sob o número de parecer: 1.541.273. A pesquisa foi conduzida de



acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), ou seja, foram respeitados todos procedimentos éticos de pesquisas com seres humanos. Com a aprovação concedida pelo CEP, realizou-se contato com os responsáveis da equipe, de forma presencial, explicando-se os objetivos da pesquisa e solicitando autorização para a coleta com seus ginastas.

Após a autorização dos responsáveis pela equipe, conversou-se com os ginastas, explicando-lhes os objetivos do estudo. Como todos os participantes eram menores de idade, houve a necessidade de apresentar os objetivos da pesquisa para seus responsáveis e, após essa fase, os participantes que aceitaram participar da pesquisa preencheram e assinaram o termo de assentimento e seus responsáveis legais preencheram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Visando respeitar os objetivos da pesquisa, adotou-se alguns cuidados metodológicos, os quais garantiram a confiabilidade das informações coletadas. Dessa maneira, o questionário foi entregue aos ginastas no mesmo dia de sua estreia em uma competição, que foi a mesma competição para todos. O questionário foi respondido de forma individual, no local em que a equipe estava concentrada (Alojamento), sempre com o acompanhamento de um pesquisador, tendo o objetivo de garantir que os ginastas não compartilhassem as informações durante o preenchimento.

Em média, o tempo de preenchimento do questionário foi de 10 minutos. Após todos responderem ao questionário, as informações foram transferidas para o Excel®, versão 2016, para posterior análise no SPSS® (Statistical Package for the Social Sciences – IBM), versão 22.

2.4 Análise estatística

Assumiu-se o valor de $p \leq 0,05$ para níveis de significância. Como o número de participantes era pequeno, houve a necessidade de testar a normalidade e a homogeneidade de variância dos participantes (GREEN; SALKIND; AKEY, 2000). Testou-se a normalidade com o uso do teste Shapiro-Wilk (S-W) e a homogeneidade de variância dos dados com o uso do teste de Levene. As análises demonstraram que os dados não apresentaram distribuição normal ($p < 0,05$), nem homogeneidade de variância ($p < 0,05$). Com base nesses resultados foram assumidos teste não paramétricos, considerando os quartis para apresentação dos dados (Q1; Q3) e as medianas (Md) para condução dos testes.

Como se utilizou um instrumento psicométrico, houve a necessidade de avaliar a confiabilidade das dimensões do instrumento, ou seja, a consistência interna das dimensões do questionário. Para essas análises o alfa de Cronbach (α de Cronbach) foi adotado, assumindo valores entre 0,7 e 0,8 como aceitáveis para consistência interna das dimensões (FIELD, 2009). Para avaliação da fidedignidade teste-reteste utilizou-se o coeficiente de correlação intraclass entre os itens e dimensões do instrumento. Os valores de correlação foram avaliados conforme proposto por Hopkins (2002), em que $< 0,10$ (trivial), 0,10 a 0,30 (baixa), 0,31 a 0,50 (moderada), 0,51 a 0,70 (alta), 0,71 a 0,90 (muito alta), 0,91 a 0,99 (quase perfeita) e 1 (perfeita).



O teste U de Mann Whitney foi adotado para analisar as diferenças entre rapazes e moças (diferenças entre ginastas masculinos e femininos). Com o intuito de avaliar as diferenças intragrupo, o teste de Friedman foi assumido, com o post hoc de Wilcoxon. Para controle do erro do tipo 1, utilizou-se o sequencial Holm de Bonferroni no post hoc (GREEN; SALKIND; AKEY, 2000).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tratando-se da confiabilidade das escalas do instrumento, o alfa de Cronbach revelou bons índices de confiabilidade ($\alpha > 0,720$), ou seja, o índice de consistência interna geral do instrumento foi satisfatório para essa amostra. Em relação as análises de confiabilidade por dimensão, de acordo com a tabela 1, as dimensões apresentaram índices de confiabilidade aceitáveis, variando de $\alpha = 0,559$ a $\alpha = 0,706$ e correlação item-dimensão variando entre 0,335 e 0,651, indicando correlação moderada e alta entre os itens e a dimensão a qual ele pertence. Essas informações auxiliaram a prosseguir nas análises sem a exclusão de itens do questionário.

Tabela 1. Consistência interna das dimensões do instrumento e correlação item-dimensão.

Dimensão	Item número	α	Correlação Item-Dimensão
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	8, 10, 12, 14, 16	0,706	0,651/0,598/0,409/0,605/0,349
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	9, 11, 13, 15	0,632	0,608/0,357/0,380/0,430
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	3, 4, 6	0,559	0,335/0,417/0,373
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	1, 2, 5, 7	0,689	0,507/0,424/0,681/0,526

Fonte: os autores.

Nas comparações entre sexo (masculino e feminino), pode-se observar que os ginastas masculinos apresentaram maiores escores para as dimensões: GI-T, AI-T e AI-S (Tabela 2). Frente a análises inferenciais, o teste U de Mann Whitney apresentou diferença significativa entre grupos nas dimensões GI-T e AI-S ($p < 0,05$), confirmando parcialmente as análises descritivas, pois os rapazes apresentaram escores superiores em apenas duas das dimensões citadas (GI-T e AI-S).

Tabela 2. Comparação das dimensões de coesão de grupo entre grupos

Dimensão	Homens (n=10) Md (Q1; Q3)	Mulheres (n=09) Md (Q1; Q3)	Z	P
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	8,30 (7,05; 8,85)	6,60 (6,20; 7,40)	-2,006	0,043*
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	5,88 (4,63; 6,57)	6,00 (4,88; 8,50)	-0,737	0,497
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	8,50 (8,33; 9,00)	8,00 (7,33; 9,00)	-1,217	0,243
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	8,25 (6,94; 8,75)	7,00 (6,13; 7,63)	-2,214	0,028*
Friedman	0,002*	0,053		

*Diferença significativa: $p < 0,05$. Fonte: os autores.



Em relação as análises intragrupo, pode-se observar que para os rapazes a dimensão AI-T apresentou os maiores escores entre as dimensões do instrumento (Tabela 2). O teste de Friedman demonstrou que houve diferença significativa entre as dimensões [$\chi^2(3) = 15,153$; $p=0,002$]. O post hoc de Wilcoxon demonstrou diferença significativa entre a dimensão GI-S e as demais dimensões ($p<0,008$, valor ajustado), sugerindo que a dimensão GI-S apresentou os menores escores. Tratando-se do grupo de ginastas femininas, pode-se observar que a dimensão com os maiores escores foi a dimensão AI-T (Tabela 2). O teste inferencial não corroborou com a observação, pois não demonstrou diferença significativa entre as dimensões [$\chi^2(3) = 7,667$; $p=0,053$], ou seja, para o grupo feminino os escores das quatro dimensões foram similares.

O presente estudo investigou a influência do sexo nos níveis de coesão de grupo de atletas de ginástica artística, modalidade esportiva classificada por González (2004) como esporte individual. Tratando-se dos resultados sobre a influência do sexo nos níveis de coesão de grupo, os achados sugerem que os ginastas masculinos apresentaram escores superiores para duas dimensões (GI-T e AI-S), quando comparados com as ginastas femininas. Esses resultados divergem parcialmente da literatura (GOMES; PEREIRA; PINHEIRO, 2008; RIBEIRO, 2016; SILVA, 2015; SILVEIRA; OLIVEIRA, 2017). Gomes, Pereira e Pinheiro (2008) verificaram que atletas femininas obtiveram maiores níveis de coesão nas dimensões: integração para o grupo social e atração individual para o grupo social, quando comparadas com o grupo de atletas masculinos. Os autores concluíram que os atletas masculinos apresentaram maior desejo em participar no processo de tomada de decisão (com os técnicos) focando prioritariamente na tarefa quando comparados às atletas femininas, o que pode ter influenciado os resultados de coesão de grupo.

Ribeiro (2016) comparou os níveis de coesão de grupo entre atletas masculinos e femininas. A autora verificou que atletas femininas apresentaram maiores escores em todas as dimensões do QEG, divergindo dos resultados encontrados no presente estudo. Segundo a autora, essas diferenças podem estar relacionadas à percepção das atletas em relação à eficácia do treinador, assim como ao clima motivacional direcionado para a maestria.

Silveira e Oliveira (2017) investigaram os níveis de coesão de grupo em atletas de Karatê. Os resultados demonstraram que atletas femininas apresentaram escores superiores nas dimensões de atração individual, o que não foi encontrado no presente estudo (não houve diferença significativa entre as dimensões para as ginastas femininas). Para os autores, as moças tendem a perceber o grupo como uma família, o que auxilia na busca de objetivos do grupo e pessoais, o que também foi apontado por Taghizadeh e Shojaie (2012).

Silva (2015) observou que as atletas femininas apresentaram diferenças significativas apenas para a dimensão AI-T. O autor verificou também que as moças demonstraram maiores necessidades quanto aos elementos de grupo, sendo atraídas fortemente pelas atividades sociais quando comparadas aos atletas masculinos.

Retomando os resultados, no presente estudo os rapazes apresentaram escores superiores em duas dimensões (GI-T e AI-S), quando comparados às moças, corroborando parcialmente com os achados de Nascimento *et al.* (2016a). Os autores avaliaram os níveis de coesão



de grupo de atletas de Handebol. Os resultados demonstraram que os rapazes apresentaram maiores escores de coesão em todas as dimensões (IG-T; IG-S; AI-T; AI-S) quando comparados às moças. Os autores concluíram que para os rapazes o meio e as tarefas são relevantes, pois além de apresentarem elevados escores para coesão social, eles também apresentaram elevados escores de coesão pela tarefa.

A literatura aponta que elevados escores de coesão por tarefa e social aumentam o sentimento de pertencimento e companheirismo na equipe (CARRON; BRAWLEY; WIDMEYER, 1998; CARRON; WIDMEYER; BRAWLEY, 1985). Assim, os atletas que demonstram sentimento de pertencimento a equipe, apresentam, em tese, mais prazer em participar das tarefas impostas para equipe e observam a equipe mais focada no objetivo (TERTULIANO *et al.*, 2019), o que poderia explicar os resultados encontrados com os atletas de ginástica artística neste estudo. Sendo assim, os resultados sugerem que os ginastas masculinos investigados apresentaram maior sentimento de pertencimento e prazer em participar das tarefas da equipe com os colegas de treino, justificando os elevados escores de GI-T e AI-S, quando comparados às ginastas femininas.

Nascimento Junior *et al.* (2011), citam que as equipes que apresentam os atletas com maior nível de satisfação, tendem a apresentarem os melhores resultados referente a coesão de grupo em prol da tarefa, o que pode influenciar os níveis de coesão social, explicando o valor superior da dimensão GI-T dos rapazes do presente estudo. Além do apresentado, pode-se considerar, também, que os rapazes deste estudo se sentiram satisfeitos por atuarem com uma equipe que consideram ter amigos envolvidos (AI-S), o que contribuiu para que o grupo se unisse em torno da tarefa (objetivo) do grupo (GI-T), o que justifica os maiores escores dos rapazes nas dimensões GI-T e AI-S (CARRON, 1982).

Assumindo os elevados níveis de coesão social, para os dois grupos (níveis de coesão social acima de cinco pontos), os resultados podem ter relação com a idade dos ginastas, pois todos eram novos (média de idade de $12,74 \pm 1,33$ anos). De acordo com Tertuliano *et al.* (2019) os atletas mais jovens tendem a apresentar escores superiores para dimensão AI-S, pois para esses atletas o convívio social é algo relevante, demonstrando que os resultados do presente estudo corroboram os resultados dos autores, haja vista os rapazes deste estudo serem mais novos que as moças.

As análises intragrupo demonstraram que os rapazes apresentaram três dimensões com valores estatisticamente elevados (GI-T, AI-S e AI-T). Com base nesses resultados, os rapazes apresentaram maior coesão em prol da tarefa, indicando que os ginastas do presente estudo priorizaram a coesão por tarefa na formação da equipe, o que é corroborado por outros estudos (SILVEIRA; OLIVEIRA, 2017; TAGHIZADEH; SHOJAIE, 2012; TERTULIANO *et al.*, 2019; XAVIER *et al.*, 2020). Tratando-se dos resultados das moças, não houveram diferenças significantes entre as dimensões, o que também foi encontrado por Eys *et al.* (2013), sugerindo as moças tendem a apresentar coesão de grupo em prol da tarefa e das relações sociais construídas no grupo.



Todavia, observando os resultados acerca dos níveis de coesão de grupo, os dados sugerem que rapazes e moças apresentaram bons índices de coesão de grupo, pois os valores obtidos, para os dois grupos, foram superiores a cinco, o que demonstra forte coesão de grupo (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016a; NASCIMENTO JUNIOR; BALBIM; VIEIRA, 2013; PAES *et al.*, 2016; TERTULIANO *et al.*, 2019; XAVIER *et al.*, 2020). Esses elevados níveis de coesão podem ter relação com a atuação do técnico. Leite *et al.* (2015) avaliaram a relação entre os níveis de coesão de grupo e a satisfação de atletas de Rugby com os técnicos. Os resultados demonstraram correlação moderada entre nível de satisfação dos atletas e coesão de grupo.

Tais achados permitiram os autores concluir que os atletas de Rugby apresentaram-se conectados aos aspectos sociais e da tarefa e que essa conexão teve relação com os níveis de satisfação com os técnicos, o que foi corroborado por outros estudos (CARUZZO *et al.*, 2017; NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2012, 2013). Porém, cabe tecer que a relação entre liderança e coesão de grupo não foi objeto de investigação do presente estudo, e que todos os estudos citados foram conduzidos com atletas de esportes coletivos, apontando perspectivas futuras de estudo.

4 CONCLUSÃO

Com base nos resultados, pode-se concluir que os ginastas masculinos apresentaram escores superiores para duas dimensões: GI-T e AI-S, quando comparados às ginastas femininas. No que se refere as análises intragrupo, os rapazes apresentaram escores elevados para três dimensões (GI-T, AI-T e AI-S), ou seja, as dimensões relacionadas à tarefa tiveram maior influência na coesão do grupo, fazendo com que os rapazes considerem relevante seu envolvimento com os objetivos estabelecidos para o grupo. Nas análises junto as ginastas femininas, não foram verificadas diferenças significantes entre as dimensões, demonstrando que tanto a tarefa quanto o convívio social são relevantes para coesão de grupo dessas moças. Por fim, referente aos resultados de coesão de grupo, os dois grupos apresentaram bons índices de coesão de grupo, pois os escores de todas dimensões foram superiores a cinco.

Como qualquer estudo, o presente estudo apresenta limitações: (a) apresentar um número baixo de participantes; (b) avaliar atletas de uma única equipe e modalidade esportiva; (a) ser um estudo de caso. Essas limitações impedem a generalização dos achados para além da amostra investigada. Diante disso, é recomendando que estudos futuros levem em consideração a ampliação da amostra, a comparação com outras equipes e modalidades esportivas (individuais e coletivas), sanando as limitações supracitadas.



REFERÊNCIAS

- ASAMOAH, B.; GROBBELAAR, H. W. Team cohesion and performance during a university soccer championship: Two sides of the coin. **South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation**, Cidade do Cabo, v. 39, n. 1, p. 17–31, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.aca.2011.06.022>
- BENSON, A. J. *et al.* A prospective multilevel examination of the relationship between cohesion and team performance in elite youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, Atlanta, v. 27, p. 39–46, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.07.009>
- CARON, J. G. *et al.* Paralympic Athlete Leaders' Perceptions of Leadership and Cohesion. **Journal of Sport Behavior**, Mobile, v. 39, n. 3, p. 219–238, 2016. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Paralympic-Athlete-Leaders'-Perceptions-of-and-Caron-Bloom/9b950b9fb1c4d286bea3020190f85c6c313b0294#references>>
- CARRON, A. V. Cohesiveness in sport groups: interpretations and considerations. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Birmingham, v. 4, n. 2, p. 123–138, 1982. <https://doi.org/10.1123/jsp.4.2.123>
- CARRON, A. V.; BRAWLEY, L. R.; WIDMEYER, W. N. The measurement of cohesiveness in sport groups. **Advances in sport and exercise psychology measurement**, Morgantown, v. 23, n. 7, p. 213–226, 1998. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2924223/>>
- CARRON, A. V. *et al.* Cohesion and Performance in Sport: A Meta Analysis. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, London, v. 24, n. 2, p. 168–188, 2002. Disponível em: <<http://journals.humankinetics.com/doi/10.1123/jsep.24.2.168>>
- CARRON, A. V.; HAUSENBLAS, H. A.; EYS, M. A. **Group Dynamics in Sport**. 3. ed. Morgantown: Fitness Information Technology, 2005.
- CARRON, A. V.; WIDMEYER, W. N.; BRAWLEY, L. The Development of an Instrument to Assess Cohesion in Sport Teams: The Group Environment Questionnaire. **Journal of Sport Psychology**, London, v. 7, n. 3, p. 244–266, 1985. <https://doi.org/10.1123/jsp.7.3.244>
- CARUZZO, N. M. *et al.* Motivação para a prática de atividades esportivas em escolares da região noroeste do Paraná. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 3, p. 46–57, 2017. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5683>>
- CRONIN, L. D. *et al.* Transformational leadership and task cohesion in sport: The mediating role of inside sacrifice. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, London, v. 37, n. 1, p. 23–36, 2015. <https://doi.org/10.1123/jsep.2014-0116>
- EYS, M. A. *et al.* Coach-initiated motivational climate and cohesion in youth sport. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, London, v. 84, n. 3, p. 373–383, 2013. <https://doi.org/10.1080/02701367.2013.814909>
- FESTINGER, L.; SCHACTER, S.; BACK, K. **Social processes in informal groups**. Stanford: Stanford University Press, 1950.



FIELD, A. **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. São Paulo: Bookman, 2009.

FIGLIANO, L. *et al.* Associação entre motivação e coesão de grupo no futebol profissional: o relacionamento treinador-atleta é um fator determinante? **Revista de Psicologia del Deporte**, Barcelona, v. 27, n. suppl 1, p. 51–57, 2017. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/revpsi-dep/revpsidep_a2018v27n4/revpsidep_a2018v27n4p51.pdf>

GOMES, A. R.; MACHADO, A. A. Liderança, coesão e satisfação em equipas de voleibol portuguesas: Indicações da investigação e implicações práticas. In: BRANDÃO, R. M. F.; MACHADO, A. A. (Eds.). **O Voleibol e a psicologia do esporte**. São Paulo: Atheneu, 2010. p. 187–218.

GOMES, A. R.; PEREIRA, A. P.; PINHEIRO, A. R. Liderança, coesão e satisfação em equipas desportivas: um estudo com atletas Portugueses de futebol e futsal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 482–491, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000300017>

GONZALEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 71, p. 1–5, 2004. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GREEN, S. B.; SALKIND, N. J.; AKEY, T. M. **Using SPSS for windows: analyzing and understanding data**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2000.

HOPKINS, W. G. **A scale of magnitudes for effect statistics**. 2002. Disponível em: <<http://www.sportsci.org/resource/stats/index.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

LEITE, M. A. F. J. *et al.* Nível de coesão grupal e satisfação de atletas de rugby. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 14, n. 3, p. 125–132, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277878890_Nivel_de_coesao_grupal_e_satisfacao_de_atletas_de_rugby>

MORÃO, K. G. *et al.* Estudo exploratório da Coesão em atletas juniores de futebol. **Educación Física y Ciencia**, Buenos Aires, v. 21, n. 2, p. e082, 2019. <https://doi.org/10.24215/23142561e082>

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; BALBIM, G. M.; VIEIRA, L. F. Coesão de grupo em equipes adultas de voleibol do estado do Paraná. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 105–115, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100009>

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. *et al.* Análise das relações entre ansiedade estado e coesão de atletas de handebol. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 89–102, 2016a. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v18n2p89-102>

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. *et al.* Propriedades psicométricas do questionário de ambiente de grupo (GEQ) para o contexto do futebol e futsal de alto rendimento. **Revista da Educação Física da UEM**, Maringá, v. 27, n. 1, p. 2742, 2016b. <https://doi.org/10.4025/jphy-seduc.v27i1.2742>



NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VIEIRA, L. F. Liderança do técnico e coesão de grupo: um estudo com equipes profissionais de futsal. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 84–90, 2012. <https://doi.org/10.18511/rbcm.v20i2.3067>

_____. Coesão de grupo e liderança do treinador em função do nível competitivo das equipes: Um estudo no contexto do futsal paranaense. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 89–102, 2013. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2013v15n1p89>

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. *et al.* Validação do Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ) para a língua portuguesa. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 770–782, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000400015>

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. *et al.* Nível de satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 138–144, 2011. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2011v-13n2p138>

PAES, M. J. *et al.* Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infanto-juvenil masculina. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 6, n. 3, p. 46–56, 2016. <https://doi.org/10.31501/rbpe.v6i3.7276>

PARLEBAS, P. J. **Juego deporte y sociedad: Léxico de praxiología motriz**. Barcelona: Paidotribo, 2001.

RIBEIRO, C. C. **Qualidade da relação treinador-atleta em contextos desportivos: Relações com fatores de grupo e diferenças em função do sexo**. 2016. 31p. Dissertação (Mestrado em Psicologia aplicada) - Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2016.

SILVA, P. M. T. J. **Relação entre a coesão de grupo e a ansiedade pré-competitiva**. 2015. 34p. Dissertação (Mestrado em Psicologia do desporto e exercício) - Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Rio Maior, 2015.

SILVEIRA, F. J. T.; OLIVEIRA, L. P. A coesão de grupo realacionada à satisfação das necessidades básicas no esporte em karatecas. **Revista Cesumar**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 7–17, 2017. <https://doi.org/10.17765/1516-2664.2017v22n1p7-17>

TAGHIZADEH, F.; SHOJAIE, M. Comparing Emotional Intelligence and Team Cohesion of Elite and Amateur Table Tennis Players. **Advances in Applied Science Research**, London, v. 3, n. 6, p. 3633–3639, 2012. Disponível em: <<https://www.imedpub.com/articles/comparing-emotional-intelligence-and-team-cohesion-of-elite-and-amateur-table-tennis-players.pdf>>

TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (EDS.). **Handbook of Sport Psychology**. 3. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2007.

TERTULIANO, I. W. *et al.* Coesão de grupo em categorias de base do futebol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 37–47, 2019. <https://doi.org/10.18511/rbcm.v27i2.9319>



TERTULIANO, I. W.; MACHADO, A. A. Psicologia do Esporte no Brasil: conceituação e o estado da arte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, n. 53382, p. 1–9, 2019. <https://doi.org/10.5216/rpp.v22.53382>

VIEIRA, L. F.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VIEIRA, J. L. L. O estado da arte da pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. **Revista de Psicología del Deporte**, Barcelona, v. 22, n. 2, p. 501–507, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500004>

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2017.

XAVIER, G. H. C. *et al.* Coesão de grupo no Basquetebol: olhares nas categorias de base. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v. 24, n. 1, p. 53–59, 2020. <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v24i1.2020.7487>

Submetido em 07/07/2021

Aceito em 06/10/2021

Publicado em 11/2021